

CRÔNICA

Beto Seabra • betoseabra2010@gmail.com



Inteligência natural

No jornalismo tudo é para ontem, ou para agora, mais recentemente. Dia desses precisei escrever com urgência uma minibiografia de um político recém-falecido e, por sugestão de uma colega, recorri a um desses aplicativos de inteligência artificial. O resultado foi um texto aparentemente correto, mas por dentro caótico. Felizmente, eu conhecia alguma coisa sobre o personagem e não comprei gato por lebre.

Mas isso me fez pensar sobre a diferença entre informação e conhecimento. A internet nos permite hoje ter acesso a muitas informações, num simples teclar de palavras, mas ela sozinha não constrói conhecimento. Não custa lembrar que toda a parafernália criada pelo ser humano nos últimos milênios continua sendo o que sempre foi: ferramenta.

Alguém poderá dizer que com a inteligência artificial é diferente. Que a IA (para os íntimos) tem não apenas a capacidade de acumular informações de milhões de bancos de dados, mas também de articular essas informações em algo compreensível e inteligente. Desconheço o uso da IA em outras áreas, mas no campo da produção de textos — no qual trabalho há quarenta anos — acredito que essa nova ferramenta continua anos-luz atrás da capacidade humana.

O escritor argentino Jorge

Luís Borges disse certa vez que escrever é algo extremamente complexo: “Até rascunhar um bilhete às vezes é difícil”, teria dito Borges a um interlocutor. Concordo com ele. Escrever não é fácil, o que não quer dizer que qualquer pessoa não possa aprender a escrever bem. Além de jornalista e escritor, fui também professor e sempre acreditei na capacidade das pessoas em aprenderem a colocar no papel ou na tela textos bem-feitos e interessantes.

Certa vez, vi essa evolução acontecer em poucos meses com um aluno, que em apenas um semestre pulou de um redondo zero para um vistoso nove em redação. O texto é uma máquina, diria o escritor norte-americano Edgar Allan Poe, e construí-lo requer material (boas informações), ferramentas, conhecimento e treino. A IA pode ter boas informações, ser uma ferramenta eficiente e bem treinada, mas ela nunca

terá entendimento suficiente para compreender o porquê de alguma coisa.

É que a inteligência humana desenvolveu ao longo de milênios artefatos que dependem não apenas dos neurônios do cérebro do sapiens, mas também do convívio social com as outras pessoas, com o ambiente em que vive, com os sonhos, que fazem a mente descansar e

criar enquanto dorme, etc. Ou seja, nosso raciocínio lógico, que a IA tenta imitar, é apenas uma das faces da produção do conhecimento.

Além do mais, só a inteligência natural pode produzir coisas novas e surpreendentes. O resto é cópia bem-feita, muitas vezes nem isso. O que não quer dizer que não possamos usar a inteligência artificial para

tornar a nossa vida mais fácil e proveitosa. Ferramentas novas são sempre bem-vindas, especialmente quando elas chegam para fazer o trabalho pesado e permitir usarmos o nosso tempo livre para coisas prazerosas e instigantes. Então, usemos sem medo a IA, contanto que ela não substitua nossa capacidade de criar e imaginar. Esse é o grande perigo que corremos.

